

Cessar-fogo não altera tensão no Oriente Médio

Paz ainda é vista como um cenário muito distante na região

/ GUERRA

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O cessar-fogo anunciado na semana passada entre Israel e Irã encerrou, ao menos oficialmente, 12 dias de escalada militar no Oriente Médio. No entanto, apesar do alívio inicial da comunidade internacional, a trégua é vista como frágil e distante de representar uma mudança estrutural na lógica do conflito, avalia o professor de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) João Jung.

Para o especialista, o cessar-fogo imposto pelos Estados Unidos fuge até mesmo dos parâmetros tradicionais do Direito Internacional. “Normalmente, quando dois países entram em conflito, há uma arbitragem por parte de um terceiro Estado, neutro para ambos. Aqui não foi o caso. Quem se colocou como mediador foi justamente um aliado estratégico de Israel e inimigo declarado do Irã”, afirma.

Agora, mesmo com o cessar-fogo formal entre os dois países, o clima de instabilidade persiste, alimentado pela atuação de grupos transnacionais como Hezbollah, Houthis e Hamas – organizações apoiadas financeiramente pelo Irã e ainda ativas em diferentes pontos da região. “A paz ali ainda é um cenário muito distante”, resume.

A participação direta dos Estados Unidos, com ataques aéreos contra alvos iranianos, também contribuiu para agravar o quadro. “Todo mundo conhece o envolvimento indireto dos EUA, seja no



Trégua imposta pelos EUA ao embate Irã-Israel pode ser frágil

financiamento ou no fornecimento de armamentos. Mas uma ofensiva militar direta da força aérea americana não estava no radar da maioria dos analistas”, afirma.

O movimento, segundo ele, expôs tanto o poderio militar americano quanto o risco de uma escalada ainda maior, que por pouco não ganhou proporções globais. “Foi quase um ‘all-in’ de pôquer do Trump, para testar se China ou Rússia reagiriam. E a resposta foi praticamente nula”, diz. Na avaliação de Jung, o episódio deixou claro que, apesar da retórica agressiva, nem Pequim, coerente com sua postura histórica, nem Moscou, sobrecarregada pela guerra na Ucrânia, demonstram interesse em entrar diretamente em um novo conflito.

O Brasil, por sua vez, adota uma postura de críticas pontuais aos excessos de Israel à ofensiva dos EUA. Em meio ao desgaste nas relações, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva chegou a ser declarado “persona non grata” pelo gover-

no de Benjamin Netanyahu após suas declarações sobre os ataques do Hamas em 7 de outubro.

No Oriente Médio, enquanto os ataques cessaram, o embate seguiu no campo simbólico e propagandístico. Israel, pressionado pelas críticas internacionais às operações em Gaza e Cisjordânia, deslocou o foco para o Irã e conseguiu recuperar parte do apoio interno e externo. Já o Irã, mergulhado em uma grave crise econômica e social, utiliza o conflito como válvula de escape para conter protestos e reforçar o discurso de unidade nacional frente a um inimigo externo.

Em relação ao futuro, com uma estrutura de mediação frágil e a presença ativa de grupos armados na região, Jung avalia que o cessar-fogo imposto tende a ser apenas uma pausa tática. “Faltam mecanismos institucionais fortes para evitar provocações e impulsos de qualquer uma das partes. É um cenário muito delicado e imprevisível”, conclui.

Trump será ‘firme’ com Israel por fim da guerra em Gaza

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou ontem que será “muito firme” com o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, para encerrar a guerra na Faixa de Gaza. Os dois líderes devem se encontrar na próxima semana em Washington.

Netanyahu confirmou nesta terça que deve viajar para os EUA para fazer reuniões com o republicano. Trump segue falando em acordo iminente e afirmou a jornalistas que espera conseguir alcançar um cessar-fogo em breve.

“Esperamos que isso aconteça. E estamos ansiosos para que aconteça em algum momento da próxima semana”, disse Trump ao sair da Casa Branca para uma viagem de um dia à Flórida. “Queremos tirar os reféns de lá”, completou.

A visita de Netanyahu também incluirá conversas com o secretário de Estado, Marco Rubio, o secretário de Defesa, Pete Hegseth, o enviado de Trump para o Oriente Médio, Steve Witkoff, e o secretário de Comércio, Howard Lutnick,

segundo um comunicado do premiê. “Ainda temos algumas coisas para finalizar a fim de alcançar um acordo comercial, além de outros assuntos”, disse ele, referindo-se aos planos de tarifas de Trump. “Também terei reuniões com líderes do Congresso e do Senado e algumas reuniões de segurança”.

Enquanto isso, em Gaza, uma cafeteria que havia resistido a 20 meses de bombardeios, foi atacada por Israel e vitimou 24 pessoas e feriu dezenas, segundo a Defesa Civil local.

Vladimir Putin e Macron voltam a se falar após quase três anos

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Após um hiato de quase três anos, Vladimir Putin e Emmanuel Macron voltaram a se falar ontem, concordando em discordar acerca da Guerra da Ucrânia e empregaram linguagem semelhante sobre o recente conflito entre o Irã e a dupla Israel e Estados Unidos. Isso foi o possível de discernir da conversa, que durou mais de duas horas.

Parece bobagem, mas é uma sinalização de acomodação diplomática. O governo russo costuma enfatizar isso quando Putin conversa com algum líder ocidental, como uma forma de manter a imagem olímpica. Foi assim na mais recente vez em que ele e Macron se falaram, no dia 11 de setembro de 2022.

Nesta terça, segundo a França, Macron insistiu na integridade territorial ucraniana e na necessidade de um cessar-fogo. Já Putin retomou, diz o texto da Presidência russa, a crítica à posição dos países europeus no conflito e disse que negociações de paz têm de respeitar a realidade no campo de batalha.

Falou com a boca cheia, num dia em que Moscou anunciou a tomada de controle de 1 das 4 regiões

anexadas ilegalmente por Putin no fim do mesmo setembro de 2022. Já sobre Oriente Médio, ainda que Putin seja um aliado do Irã e Macron tenha apoiado o ataque contra o regime em Teerã, ambos sincronizaram o discurso.

Ambos afirmaram que o Irã tem direito a um programa de energia nuclear pacífico, mas que também precisa retomar suas obrigações com a AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) – ou seja, permitir inspeções após o ataque israelo-americano a seu programa nuclear, algo que Teerã se recusa a fazer.

O emprego calculado das palavras sugere que o mal-estar entre os líderes está, se não superado totalmente, encaminhado para uma nova fase. Antes do início da guerra europeia, em fevereiro de 2022, Macron chegou a ir pessoalmente a Moscou para tentar demover Putin de invadir a Ucrânia. Viu-se sentado na ponta de uma mesa de seis metros de comprimento, virando meme global de impotência diplomática.

Voltou a falar com Putin algumas vezes, a derradeira naquele setembro, e depois disse que havia sido enganado pelo russo. Tarde demais.

Procuradores insistem para que Cristina Kirchner vá para prisão

/ ARGENTINA

Os procuradores Diego Luciani e Sergio Mola fizeram uma apelação à Justiça para que a ex-presidente da Argentina Cristina Kirchner perca o direito à prisão domiciliar que ela cumpre desde junho, por um caso de corrupção, e pedem que ela cumpra a condenação em uma prisão.

Em uma apelação registrada na segunda-feira, o Ministério Público Fiscal argumentou que a detenção deveria ocorrer em um estabelecimento penitenciário, por considerar que não há justificativas para a prisão domiciliar e que essa forma de penalidade não traz expectativa de ressocialização, conforme a lei.

Antes que a prisão domiciliar de Cristina fosse concedida, o MP já tinha dito que era contra a medida. A defesa da ex-presidente argumenta que sua prisão domiciliar se deu por motivos de segurança, mas os procuradores Luciani e Mola afirmam que a situação gerou complicações no bairro onde Cristina está detida.

A prisão da política em sua

casa no bairro de Constitución, em Buenos Aires, tem atraído diversos apoiadores. Enquanto esperam que ela saia na varanda, eles cantam músicas peronistas, tocam baterias e gritam palavras de ordem.

Os procuradores argumentam que foi produzido um relatório do governo da cidade de Buenos Aires sobre perturbação no bairro, e que o comportamento dos militantes compromete a segurança dos vizinhos e da própria ex-presidente, que sofreu uma tentativa de homicídio em 2022.

O 2º Tribunal Federal de Audiência concedeu a prisão domiciliar a Cristina pela sua condição de ex-presidente e por questões humanitárias, especialmente por sua idade de 72 anos – na Argentina, esse pedido pode ser feito para todos os maiores de 70 anos.

A apelação contesta esses argumentos, ressaltando que ela deveria cumprir sua pena, como os outros condenados no caso de corrupção conhecido como “Vialidad” (por envolver suposta corrupção em obras públicas), em uma unidade prisional.